

AS MOTIVAÇÕES DOS PACIENTES ONCOLÓGICOS EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO PARA O USO DAS TERAPIAS COMPLEMENTARES.

**OLIVEIRA, Vanessa Athaydes¹; LIMA Julyane Felipette²; DUARTE Giani³;
ZILLMER Juliana Graciela Vestena⁴; SCHWARTZ, Eda⁵**

¹ Acadêmica do 8º semestre da Faculdade de Enfermagem UFPel-Pelotas. Membro do Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces-NUCCRIN. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. E-mail: vanessa-oliveir@live.com

² Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel, Membro do NUCCRIN, Email: julyane_felipette@hotmail.com

⁴ Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel, Membro do NUCCRIN,

³ Enfermeira Mestre em Enfermagem /UFPEL. Especialista em Saúde Pública/Saúde da Família/MS/UFPEL;Dda. de Enfermagem do PEN/UFSC. ;Bolsista de Demanda Social da CAPES; Membro do Grupo de Pesquisa NUCCRIN

⁵ *Enfermeira, Doutora em Enfermagem e Docente da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Pesquisadora do Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces-NUCCRIN. E-mail: eschwartz@terra.com.br*

1 INTRODUÇÃO

O câncer por ser uma doença de evolução lenta passou ser considerado como doença crônica, e é hoje a mais curável de todas elas, quando detectado precocemente MUNIZ; FONTÃO; SCHWARTZ, 2004 Com todos os avanços alcançados pela medicina convencional, tem ocorrido um crescente interesse no uso das práticas alternativas e complementares em âmbito mundial. Para a Organização Mundial de Saúde a medicina tradicional (MT) é uma terminologia ampla para fazer menção aos sistemas como, por exemplo: a medicina tradicional chinesa, ao sistema de ervas hindu, a medicina unani árabe e às diversas formas de medicina indígena. Além destas, incluem terapias com medicações, o uso de medicina a base de ervas, partes de animais e/ou minerais e terapias sem medicação como a acupuntura, terapias manuais e espirituais.

Richardson et al (2009) descrevem a Medicina Complementar Alternativa (MCA) como drogas ou métodos terapêuticos que não tem uma comprovação científica e que não estão inclusos nos tratados de medicina e no cuidado dos pacientes com câncer. No entanto constata que apesar da validade confusa dessas práticas os pacientes oncológicos, nos diferentes estágios da doença, se utilizam desse tipo de terapêutica em proporções consideráveis.

Elias e Alves (2002) entendem também que as terapias complementares são práticas de prevenção, diagnóstico e tratamento paralelas ao modelo biomédico. Ainda refletem que essas práticas não são ensinadas no meio acadêmico ou realizadas em instituições de saúde por ter eficiência imprecisa e pelo fato de haver pouca literatura científica sobre a temática.

Segundo Elias e Alves (2002) não há uma única forma de alcançar a cura do câncer e existe uma ansiedade gerada pelo estigma da doença, observa-se que o paciente oncológico encontra nesta prática uma forma de retomar o controle da doença. Desse modo, o profissional que aplica essas terapêuticas no seu cotidiano torna-se uma pessoa mais atenciosa que percebe o paciente de maneira integral, no qual sua relação é movida pela empatia

Um bom tratamento de doenças depende da habilidade de compreender como se manifestam. Com a finalidade de promover um bom

tratamento ao paciente oncológico, procuram-se terapêuticas complexas e onerosas para doenças que possuem componentes além delas e que poderiam ser tratadas através do desenvolvimento de alguns elementos psicológicos e algumas técnicas complementares aliadas ao tratamento alopático (TROVÓ ; SILVA, 2002).

Nessa perspectiva, pensa-se que o enfermeiro precisa ter conhecimento sobre as várias técnicas que fazem parte dos sistemas das terapias complementares, mesmo que seus mecanismos não estejam ainda bem esclarecidos sob a luz da ciência. Segundo Trovó, Silva, Leão (2003) observa-se que o interesse por investigação científica pelas terapias complementares vem crescendo nos últimos anos pelos diversos pesquisadores. Alguns cursos de graduação em enfermagem vêm inserindo timidamente em seus conteúdos curriculares. Entretanto, pouco ainda se sabe sobre o seu conhecimento. Este tem como objetivo conhecer as motivações dos pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico para o uso das terapias complementares

2 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se por um recorte da monografia com o título de As terapias complementares no cotidiano de pacientes com câncer em tratamento quimioterápico, proveniente do projeto de pesquisa “Os clientes oncológicos e suas famílias e os sistemas de cuidados nas condições crônicas”, o qual se realizou num Serviço de Quimioterapia de um hospital de ensino do sul do Rio Grande do Sul. aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas sob o número 23/2008 O presente recorte caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, sendo que foi utilizada uma temática proveniente da análise dos dados. Os sujeitos foram pacientes oncológicos que estavam realizando tratamento quimioterápico no período de março a junho de 2010. Para análise dos dados foi utilizada uma temática conforme preconizado por Minayo (2007).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As motivações encontradas no estudo para a eleição do uso de terapias não foram iguais dentre os participantes do estudo.

A motivação citada pela escolha de terapias complementares foi o diagnóstico de câncer, assim muitas pessoas começam a usar as terapias quando descobrem o diagnóstico. A fala remete a essa prática: “*É porque eu to com esse problema da próstata né, to fazendo um tratamento, como me ensinaram que era bom*” (entrevistado 6, 74 anos).

Outro fato que pode estar envolvido é o da insatisfação com os tratamentos alopáticos e com os méritos associados a essas, também observado no estudo de Tesser (2009).

Um dos motivos para o uso de terapias complementares foi o conhecimento de outras pessoas que passaram pelo mesmo problema e que as utilizaram. Na seguinte fala “*Um outro vizinho que passou por esse mesmo tratamento*” (entrevistado 4, 57 anos)

Singh, Raidoo e Harries (2004) relatam em seu estudo que mais da metade (51,9%) dos usuários de terapias complementares começaram seu uso foram aconselhados por alguém que já havia utilizado a modalidade indicada.

Outro motivo citado para o uso de terapias complementares é a vontade de contribuir com a terapêutica convencional e de se sentir bem. Em um

estudo realizado na Europa constatou-se que dentre as principais razões citadas para a utilização dessas práticas são aumentar a luta contra o câncer e aprimorar o bem-estar (MOLASSIOTIS et al, 2005). *“A vontade de ficar e mais a vontade de ajudar no tratamento convencional” (entrevistado 2, 61 anos)*

A motivação citada por um dos sujeitos do estudo tem uma forte conotação religiosa, fato também encontrado no estudo de Spadacio e Barros (2008). Esse estudo revelou que os pacientes ampliam sua capacidade de negociação, fazendo com que a prática de uma terapia religiosa constitua uma amenização diante das incertezas geradas pela enfermidade. *o trabalho espiritual né, onde nós temos condições de entendimento” (entrevistado 3, 46 anos)*

Nota-se que a religião espírita o ajuda no enfrentamento da doença quando relata possuir entendimento sobre as razões da doença. O espiritismo combina idéias de imortalidade da alma, evolucionismo social, positivismo de Comte, magnetismo, ensinamentos cristãos de caridade e karma. Sendo que o karma configura um ensinamento que temos através de experiências em nossa vida (JENSEN,2001).

4 CONCLUSÃO

Devido a todo o sofrimento psicológico e incerteza quanto à cura do câncer, esses pacientes, procuram auxílio em novas terapias que, muitas vezes, servem como uma motivação ao enfrentamento da doença acometida como mostrou o estudo em questão. Logo se acredita que os profissionais da saúde necessitam conhecer essa prática complementar, com a finalidade de discutir com os pacientes a eficácia dessas e alertar quanto aos riscos da utilização. Considera-se preocupante o fato de que a utilização das terapias complementares, na maioria das vezes, não eram indicadas por profissionais da saúde demonstrando assim que poucos profissionais estão habilitados para tal conhecimento. A enfermagem, por exemplo, tem papel vital nesse processo, uma vez que estabelecem vínculos com a população nos mais diversos espaços: nos hospitais, unidades básicas de saúde, em ações de educação em saúde.

Em suma, com a realização desse trabalho espera-se que haja uma soma nos conhecimentos quanto às terapias complementares utilizadas pelos pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico. E que esses conhecimentos ajudem a instigar o desenvolvimento de pesquisas nessa área tão rica e tão presente em nosso cotidiano. Destaca-se ainda a importância do trabalho do enfermeiro na indicação e aplicação dessas terapias. Como sugestão deixa-se a possibilidade do início da discussão da incorporação do ensino de terapias complementares nas escolas de enfermagem

5 REFERÊNCIAS

- BARROS, Nelson Filice de. SPADACIO, Cristiane. O uso de medicinas alternativas e complementares: revisão sistemática. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, vol 42, n.1, 158-64, 2008.
- ELIAS, Marcia Carlos. ALVES, Elaine. Medicina não convencional: prevalência em pacientes oncológicos. **Revista Brasileira de Cancerologia**. Brasília, vol 48, n.4, p 523-532, 2002.
- JENSEN, Tina Gudrun. Discurso sobre as religiões afro-brasileira: da desaffricanização para a reaffricanização. **Rever Revista de Estudos da Religião**, n.1, p. 1-21, 2001.
- Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 10 ed. Hucitec, São Paulo, 2007.
- RICHARDSON, Mary Ann.; SANDERS, Tina.; PALMER, Lynn.; GREISINGER, Anthony.; SINGLETARY, Eva: Complementary/Alternative medicine use in a comprehensive cancer center and the applications for oncology. **Journal of Clinical Oncology**, n.13, 2009.
- SINGH, Vimal; RAIDOO, Deshandra M; HARRIES, Catherine S. The prevalence, patterns of usage and peoples´ attitude towards complementary and alternative medicine (CAM) among the Indian community in Chatsworth, South Africa. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, vol 4, n.3, 2004.
- TROVÓ, Mônica Martins. SILVA, Maria Elulia Paes da.: Terapias Alternativas/Complementares a visão do graduando de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, vol 36, n. 1, 75-79, 2002.
- TROVÓ, Mônica Martins. SILVA, Julia Paes da. LEÃO, Eliseth Ribeiro. Terapias Alternativa/complementares no ensino público e privado: Análise do Conhecimento dos Acadêmicos de Enfermagem. **Revista Latino-am Enfermagem**. Julho-agosto 11(4): 483-9, 2003